

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LOUIS MALLE - O REBELDE SOLITÁRIO
7 e 21 de novembro de 2022

Le Voleur / 1967 (O Ladrão de Paris)

Um filme de LOUIS MALLE

Realização: Louis Malle / **Argumento:** Louis Malle, Jean-Claude Carrière a partir do romance homónimo de Georges Darien / **Director de Fotografia:** Henri Decaë / **Montagem:** Henri Lanoë / **Direção Artística:** Jacques Saulnier / **Interpretação:** Jean-Paul Belmondo (Georges Randal), Geneviève Bujold (Charlotte), Marie Dubois (Geneviève), Julien Guiomar (Abade La Margelle), Christian Lude (Tio Urban), Françoise Fabian (Ida), Marlène Jobert (Broussailles), Bernardette Lafont (Marguerite, a criada), Charles Denner (Cannonier), etc.

Produção: Norbert Auerbach para a United Artists / **Cópia:** DCP, cor, versão original legendada electronicamente em português, 120 minutos / **Estreia Mundial:** França, 22 de Fevereiro de 1967 / **Estreia em Portugal:** Cinema S. Jorge a 1 de Abril de 1976.

Se há filme em que o protagonista é indissociável do filme em si, este é, sem dúvida o caso. É impossível imaginar outro actor, senão Jean-Paul Belmondo a desempenhar o papel de Georges Randal que, ainda para mais, está presente em quase todos os planos do filme. O facto torna-se ainda mais relevante quando verificamos que o registo de Belmondo neste filme está nos antípodas do registo dos filmes de Godard, Chabrol (ou até Broca ou Melville) que, à época, o tinham consagrado como uma das maiores vedetas do cinema francês. A melancolia, uma profunda solidão, algum cinismo misturado com uma boa dose de misoginia, compõe uma personagem de uma inquietude (para usar um termo do léxico de Agustina Bessa-Luís – porque será que me lembrei tanto dela ao rever este filme? -) suficientemente complexa para só por si para dar alma (e corpo) a este filme.

Um pouco desordenadamente lancemos algumas pistas:

Le VOLEUR é uma adaptação do romance homónimo de Georges Darien (1862-1921), escritor conotado com a causa anarquista, muito querida de André Breton e ao movimento surrealista. O argumento, uma adaptação relativamente livre da obra (por exemplo a personagem do abade, enquanto tal, não existe no romance), foi escrito pelo próprio Louis Malle e por Jean-Claude Carrière (que por estas alturas iniciava a sua colaboração com Luis Buñuel). A acção passa-se nos finais do século XIX e o filme estreou pouco antes de Maio de 68, no auge do gaulismo. Duas épocas particularmente conturbadas em que a frase / slogan “ Desossar a caraça burguesa” (proferida no filme por Randal / Belmondo) sintetiza de forma

particularmente feliz um sentimento, senão dominante, pelo menos muito generalizado entre uma certa vanguarda e elite cultural em ambas as épocas.

A diferença (oposição?) entre o discurso de Cannonier / Charles Denner e a atitude individualista (e por isso mais desesperada) de Randal / Belmondo que, como ele próprio sublinha, (só) gosta de trabalhar sozinho. Ou seja o diagnóstico da sociedade é o mesmo, mas a resposta a ela, o rumo a seguir, são diametralmente opostos. Logicamente Cannonier morre e Randall continua cada vez mais só, mais tristemente só, mas cada vez com mais convicção. É o destino dele, mas é também um imperativo moral consciente.

Daí que haja, quanto a mim duas cenas fulcrais no filme que representam exemplarmente o carácter contraditório da personagem.

A primeira (que aliás é a segunda cronologicamente) é a cena da morte do tio, em que a frieza e a crueldade são levadas a um extremo quase insuportável.

A segunda é quando, após dizer a Cannonier, que o impediria de atirar uma bomba para a sala onde se desenrola o comício político por causa de uma mulher que lá está, o mesmo Cannonier lhe pergunta: “Porquê, és um sentimental?” ao que Randal responde: “Às vezes”.

Estas duas sequências ilustram bem a contradição – e logo a riqueza e a complexidade – da personagem que a interpretação de Belmondo tão magistralmente consegue, criando no espectador uma sensação de incómodo dificilmente explicável.

Para terminar uma referência ao modo como todos os outros personagens (com a excepção de Cannonier e do tio) se contradizem, inclusive consigo próprios, criando uma atmosfera por um lado ainda mais inquietante mas por outro mais coerente.

O tal abade é um falso abade, ou tem mesmo as suas missões na China? A Geneviève / Marie Dubois é uma aventureira ou apenas uma oportunista? Ou ambas? E assim sucessivamente.

E em que ficamos? Não sabemos. Ou melhor é tudo isso e exactamente o seu contrário.

João Pedro Bénard